

**ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA: VERDADE, FICÇÃO E VEROSIMILHANÇA**  
**(a propósito de alguns testemunhos das relações luso-alemãs)\***

*Fernando Clara*

É sabido que o relacionamento entre os povos e as nações não é constituído apenas pelas relações que se estabeleceram e estabelecem entre os poderes que esses povos instituíram como seus representantes. Esse relacionamento é também (talvez mesmo fundamentalmente) construído, mantido e desenvolvido por indivíduos e motivado por razões muito diversas (de ordem militar, comercial, familiar, profissional). Ora alguns desses homens e mulheres que estiveram «entre dois mundos» durante uma época da sua vida, deixaram testemunhos interessantes das suas passagens e viagens pelo *outro* país que podem (e em nossa opinião devem) ser lidos a par, em conjunto e como complemento das várias histórias diplomáticas (inter)nacionais. Esses testemunhos são de variadíssima ordem e vão desde o escrito mais ou menos autobiográfico e memorialista até ao relato de viagem, passando pelo relatório e apreciação de índole puramente comercial ou científica.

Objecto exclusivo desta nossa breve proposta de reflexão serão os relatos de viagem e, dentro destes, apenas a *literatura de viagens* sobre Portugal escrita e publicada no espaço linguístico alemão nos primeiros anos do séc. XIX.<sup>1</sup>

Muito embora não pretendamos aqui discutir de um ponto de vista puramente literário a expressão «*literatura de viagens*» (de facto, a questão de saber se existe ou não um género literário com aquela designação está longe de ser uma questão pacífica, em termos de Teoria da Literatura), a verdade é que cremos que vale a pena recordar que

---

\* Comunicação apresentada no 2º Encontro da Associação Luso-Alemã para a Cultura e Ciência (Lisboa, 28 de Outubro de 1991), subordinado ao tema Aspectos da História Luso-Alemã; publicada em *Aspectos da História Luso-Alemã*, Lisboa (pp. 57-68).

1. Não existindo ainda, lamentavelmente, uma bibliografia que se dedique única e exclusivamente aos relatos dos viajantes alemães que escreveram sobre Portugal, teremos que apontar outras obras onde este aspecto particular se encontra por vezes muito disperso, tornando-as assim de difícil consulta. São elas: Ernst Gerhard JACOB, *Deutschland und Portugal. Ihre kulturellen Beziehungen, Rückschau und Ausblick. Eine Bibliographie*. Leiden 1961; Augusto Reis MACHADO, «Catálogo Bibliographico das obras estrangeiras sobre Portugal existentes na Biblioteca Nacional» in: *Anais das Bibliotecas e*

por literatura de viagens se entende uma coisa em Portugal<sup>2</sup> e outra (de certo modo bem diferente) na Alemanha.<sup>3</sup> No entanto, e quer num caso quer noutro, o género de obras que habitualmente tomam aquele nome parecem ter na origem uma referência comum: Heródoto.<sup>4</sup> Com ele, *História e Literatura surgem (re)unidas num mesmo discurso* e em torno dum mesmo autor.

É certo que mais tarde, Aristóteles haveria de pedagogicamente distinguir a História da Poesia/Literatura (recorrendo aliás, a título de exemplo, ao próprio Heródoto) salientando que

[...] não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verosimilhança e a necessidade. *Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa) — diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder.*<sup>5</sup>

mas não deixa de ser curioso notar que pelo menos até inícios do séc. XIX, os autores deste género de obras claramente demonstram que a problemática fundamental que se lhes coloca em termos da sua escrita *não se põe ao nível da verosimilhança mas sim ao nível da verdade, isto é, ao nível da objectividade/fidelidade do relato face à realidade do objecto/país que dizem descrever.*<sup>6</sup> Tudo parece girar pois em torno da

---

*Arquivos*, Vol. I: N.ºs. 3-4; Vol. II: N.ºs. 5-6-7-8; Vol. III: N.ºs. 9-10-11, Lisboa 1920-1922; E.A. STRASEN/Alfredo GÂNDARA, *Oito Séculos de História Luso-Alemã*, Berlim 1944.

2. Veja-se, p. ex., Luís Forjaz TRIGUEIROS, «Viagens (Literatura de)» in: Jacinto do Prado COELHO (org.), *Dicionário de Literatura*, Vol. 4, Porto 1989, pp. 1156-1160; Joaquim Barradas de CARVALHO, «Viagens, Literatura de» in: Joel SERRÃO (org.), *Dicionário de História de Portugal*, Porto s/d, Vol. VI (pp. 283-289).

3. Vide Peter J. BRENNER, *Der Reisebericht in der deutschen Literatur. Ein Forschungsüberblick als Vorstudie zu einer Gattungsgeschichte*, Tübingen 1990 e William E. STEWART, *Die Reisebeschreibung und ihre Theorie im Deutschland des 18. Jahrhunderts*, Bonn 1978.

4. Esta é também a opinião de Marc BLOCH (*Introdução à História*, Lisboa s/d [1941], pp. 56-57) e do prefaciador francês da obra de Heródoto que, significativamente, escreve a dado passo: «L'Enquête [...] serait aujourd'hui un «reportage», le grand reportage d'un voyageur qui note, à côté de ce qui est son sujet principal, tout ce qui lui semble susceptible d'intéresser son public, en tous les domaines [...]» (A. BARGUET, «Introduction» in: HÉRODOTE, *L'Enquête*. Texte présenté, traduit et annoté par A. Barguet, Paris 1964 p. 9).

5. ARISTÓTELES, *Poética*. Tradução, Prefácio, Introdução, Comentário e Apêndices de Eudoro de Sousa, Lisboa 1986, p. 115 (sublinhados nossos).

6. Este é aliás um aspecto extraordinariamente importante para o viajante, na opinião do Conde Berchtold (Leopold BERCHTOLD, «Observations generales et pratiques sur les voyages» in: Heinrich August Ottokar REICHARD, *Guide des Voyageurs en Europe*, Tome I, Weimar 1805, p. XXVIII): «La vérité est un point essentiel dont il ne faut jamais s'écarter; il faut même lui sacrifier la beauté du

*autenticidade* no caso da literatura de viagens.<sup>7</sup> E justamente a atestar este posicionamento estão as múltiplas polémicas e controvérsias de que estas obras são protagonistas, e das quais frequentemente fazem eco nas suas páginas, controvérsias e polémicas que são, não apenas indícios claros da instabilidade e problematicidade do acto cognitivo, mas também sinais óbvios do importante, porque elevado, grau de subjectividade inerente àquele mesmo acto.

Deste modo, a questão que aqui se nos impõe colocar é a de saber qual a utilidade, hoje, desses testemunhos no âmbito (da história) das relações luso-alemãs? Qual a sua *utilidade, validade e interesse*, quer em termos históricos, quer em termos literários? Ou seja: que tipo de *testemunhos* são estes e como podem eles contribuir para a escrita da história do relacionamento luso-alemão?

Curiosa mas significativamente, apesar da evidente subjectividade presente nestas obras e apesar do problemático relativismo que é característico da perspectiva dos viajantes, a verdade é que o mero posicionamento desses autores em relação à objectividade que se diz estar patente nos seus discursos parece ter dado (e ainda hoje dá) às suas obras uma espécie de predisposição e disponibilidade naturais para a possibilidade de serem encaradas enquanto virtuais fontes históricas de um modo geral fidedignas e, como tal, perfeitamente utilizáveis por historiadores.

De facto, tem mesmo sido frequente a utilização de testemunhos de estrangeiros como fontes habituais da historiografia portuguesa: desde pelo menos 1879<sup>8</sup> até aos trabalhos

---

*style, au cas qu'il ne pourrait pas s'accorder avec elle*». A esta importância (dir-se-ia excessiva) da verdade não é alheio o papel verdadeiramente fundamental que o séc. XVIII entendia caber ao viajante. Segundo Reichard (Heinrich August Ottokar REICHARD, *Handbuch für Reisende aus allen Ständen*, Leipzig 1784 *apud* Uli KUTTER, «Apodemiken und Reisehandbücher. Bemerkungen und ein bibliographischer Versuch zu einer vernachlässigten Literaturgattung» in: *Das achtzehnte Jahrhundert. Mitteilung der deutschen Gesellschaft für die Erforschung des achtzehnten Jahrhunderts*, Jahrgang 4, H. 2, Wolfenbüttel 1980, p. 120), «Der Reisende ist dem Philosophen, was der Arzt dem Apotheker ist; auf die Nachrichten des Erstem gründet der Philosoph seine Systeme, auf die Pharmacie des Letztern der Arzt seine Verordnungen. Tauscht der Apotheker die Arzenei aus, so stirbt der Kranke; lügt der Reisende, so irrt der Philosoph. Die Rolle des Reisenden ist also wichtiger, als mancher denkt».

7. Cf. William E. STEWART, *op. cit.*, pp. 22-74.

8. Referimo-nos, por exemplo, a [Joaquim Pedro de] Oliveira MARTINS, *História de Portugal*, Lisboa 191987 [1879]. Vejam-se em especial as «Notas sobre a historiografia em Portugal», a pp. 457-466 da ed. cit.

mais recentes<sup>9</sup> que é vulgar encontrarmos nas bibliografias dos historiadores portugueses alguns dos mais conhecidos relatos de viajantes estrangeiros que escreveram sobre as suas experiências e vivências neste país. Dir-se-ia portanto que, independentemente da época e independentemente da corrente historiográfica a que pertencem, os historiadores portugueses parecem unanimemente entender os relatos dos viajantes estrangeiros que percorreram, visitaram ou viveram em Portugal como fontes históricas suficientemente credíveis.

A historiografia portuguesa não é, porém, totalmente clara a este respeito: por um lado, parece partir do princípio (e lugar-comum) que olhos estranhos (isto é, distantes e distanciados em relação àquilo que é observado) e desse modo não envolvidos, podem descrever mais fiel e isentamente um acontecimento do que aqueles que nele estão ou estiveram empenhados; por outro lado podemos igualmente verificar que não há (da parte dos historiadores portugueses) uma aderência total e incondicional à utilização de relatos de viajantes estrangeiros enquanto fontes históricas fidedignas.<sup>10</sup> Na ausência de produção teórica de vulto que diga directa e especificamente respeito a este problema, teremos que nos cingir aos poucos comentários dispersos que existem, enquadrando toda esta questão num campo teórico mais vasto que é o das relações entre a Literatura e a História.<sup>11</sup>

Não se pretende aqui negar a eventual «fidelidade» ou «autenticidade» desses relatos, isto é, a sua *historicidade* (que de resto não deve e não pode ser reduzida ao carácter documental e informativo por eles evidenciado), no entanto, parece-nos que em grande parte dos casos, muito antes de serem encarados enquanto fontes historiográficas, esses documentos devem ser lidos a partir duma perspectiva que privilegie e dê o merecido relevo à sua *fundamental componente literária*. Na realidade (e muitas vezes ao

---

9. Vejam-se, entre outros, Teresa BERNARDINO, *Sociedade e Atitudes Mentais em Portugal (1777-1810)*, Lisboa 1986; Piedade Braga SANTOS/Teresa S. RODRIGUES/Margarida Sá NOGUEIRA, *Lisboa Setecentista Vista por Estrangeiros*, Lisboa 1987; Nuno Luís MADUREIRA, *Lisboa. Luxo e Distinção. 1750-1830*, Lisboa 1990.

10. Cf. Joaquim Veríssimo SERRÃO, *Notícia de uma viagem a Portugal em 1765-1766*, Lisboa 1960, pp. 3-4.

11. Infelizmente, também nesta área a produção teórica não é muito vasta. Veja-se José MATTOSO, «Investigação histórica e interpretação literária de textos medievais» in: \_\_\_\_\_, *A Escrita da História Teoria e Métodos*, Lisboa 1988 (pp. 115-126), um texto que, embora sobre uma época aqui não tratada, se revela, pelo seu carácter eminentemente teórico, interessante para os nossos propósitos.

contrário do que os seus autores pretendem fazer crer), os relatos de viagem da época a que nos temos vindo a referir são, antes do mais, *documentos literários* que seguem motivações e tradições literárias, como podemos verificar, desde logo, através dos seus prefácios e como esperamos poder vir a demonstrar em seguida.

O que atrás ficou dito, em termos mais genéricos e teóricos, em relação à literatura de viagens e ao espaço privilegiado que este género literário parece constituir enquanto ponto de encontro da Literatura e da História pode ser facilmente ilustrado através de uma análise (necessariamente breve e sucinta) dos relatos deixados por dois autores alemães que estiveram em Portugal sensivelmente na mesma época (finais do séc. XVIII, inícios do séc. XIX): referimo-nos a Heinrich Friedrich Link e a Esther Bernard.<sup>12</sup>

O objectivo da viagem de Link (na altura professor de Ciências Naturais em Rostock)<sup>13</sup> foi o de elaborar um estudo sistemático e descritivo da flora portuguesa, com o intuito de colmatar uma lacuna do conhecimento científico europeu. Escrever um relato (literário) da viagem não era pois a intenção deste naturalista, como aliás se refere no prefácio da obra.<sup>14</sup> Mas a verdade é que em 1799, quando Link regressa à Alemanha, as suas intenções parecem modificar-se:

*Als ich zurück kam, las ich alle Reisebeschreibungen durch Portugal, welche ich nur erhalten konnte. Ich fand, daß unter allen diesen Reisenden keiner so viel von diesem Lande gesehen hatte als wir; ich fand ferner bey den meisten eine grosse Unwissenheit*

---

12. Para um estudo mais detalhado sobre estes dois autores veja-se Fernando CLARA, *A Europa da Diferença*, Diss. Mst., Lisboa 1989, em particular as pp. 27-76.

13. Vide *Das Gelehrte Teutschland oder Lexicon der jetzt lebenden teutschen Schriftsteller*, Vol. IV, Lemgo 1797, pp. 471-473; *Allgemeine Deutsche Biographie*. Berlin 1967-1971, Vol. 18, pp. 714-720. Link, nascido em 1767 em Hildesheim e falecido no primeiro dia do ano de 1851 em Berlim, revelou-se um naturalista e académico particularmente activo e profícuo durante toda a sua vida. A sua estadia em Portugal, que durou cerca de dois anos, iniciou-se em 1797 a convite do Conde Hoffmannsegg. Link substituiu assim Wilhelm Gottlieb Tilesius, um outro naturalista particularmente conhecido pelo seu notável talento para o desenho (cf. *Allgemeine Deutsche Biographie*, Vol. 38, pp. 298-299) que, no Outono de 1795 acompanhara aquele Conde a Portugal com o mesmo intuito de fazer uma descrição da flora portuguesa. No entanto, tudo indica que Tilesius não tenha satisfeito completa e suficientemente os objectivos e propósitos de Hoffmannsegg, pelo que ambos regressaram à

14. Heinrich Friedrich LINK, *Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien und vorzüglich Portugal*, Kiel, in der neuen Academischen Buchhandlung, in Commission Helmstädt und Braunschweig, bey C.G. Fleckeisen 1801, Vol. I, p. IV. A obra é composta por três volumes publicados em Kiel entre 1801 (os dois primeiros) e 1804 (o terceiro).

*in der Sprache, eine Menge falscher, und solcher Nachrichten, welche nur auf die Einwohner der Hauptstadt passen, aber fälschlich auf das ganze Land ausgedehnt waren.*<sup>15</sup>

E é exactamente sobre os ditos desconhecimentos, as imprecisões e as incorrecções relativos à realidade portuguesa evidenciados por esses *outros* relatos de viagem, e *contra* eles, que Link constrói e justifica a sua escrita:

*Ich ergriff die Feder zu Vertheidigung meiner Portugiesen; ich wollte den Character der Einwohner, ihre Lebensart, ihren Ackerbau [...] unparteylich schildern, und unvermerkt wurde aus einer Apologie eine Reisebeschreibung.*<sup>16</sup>

São então aqui facilmente detectáveis três ideias que, sendo constitutivas, se nos afiguram fundamentais para a compreensão da lógica e dos processos funcionais e cognitivos da literatura de viagens em geral e deste relato e autor em particular.

Em primeiro lugar salientar-se-á que ele é escrito *a posteriori*: o autor reconstrói e *fixa* a realidade que diz ser a do objecto através da *memória*, que podemos imaginar auxiliada, maioritariamente, pelas notas naturalistas tomadas no local. Em segundo lugar notar-se-á que parece haver uma dupla e problemática intencionalidade da escrita: o relato é escrito *contra* outros relatos (e portanto, de algum modo a favor dos portugueses), mas o próprio autor nos dá conta de uma intenção inicial, que diz frustrada, de uma descrição «apartidária» do país, isto é, desapaixonada e objectiva. Ora esta dupla intencionalidade, de que resulta, no entender de Link, não um relato de viagem mas uma apologia dos (sublinhe-se) *seus* portugueses, só vem confirmar a problematicidade de uma escrita deste género e sublinhar o seu carácter *interpretativo* relativamente à realidade do objecto. Por fim, resta evidenciar os argumentos que se entende legitimarem o seu discurso ao mesmo tempo que o diferenciam, positivamente, em relação aos discursos de outros viajantes: o desconhecimento da língua portuguesa, a curta estadia no país e a generalização abusiva, a que se liga o conhecimento de apenas uma pequena parte do território português por parte da grande maioria dos outros autores.

---

15. H.F. LINK, *op. cit.*, I, p. VI.

16. *Ibidem*, I, p. VII (sublinhados nossos).

Resumindo, o *cientista* Link, clara e perfeitamente consciente de todo o processo que (o) envolveu (n)a escrita do seu relato, posiciona-se entre a facticidade *histórica* da intenção inicial e o artifício retórico apologético e, por conseguinte, *literário* daí resultante.

O relato de Esther Bernard<sup>17</sup> constitui-se a um nível diferente. Assumindo desde logo uma forma literária epistolar, ou seja, a forma de comunicação intimista e individual por excelência,<sup>18</sup> o seu relato gira fundamentalmente à volta do(s) indivíduo(s), já que se entende que «*die Schilderung ganzer Nationen kann nichts dadurch verlieren, wenn man die Schilderung einzelner Menschen und ihrer Schicksale darein zu verflechten sucht.*»<sup>19</sup>

Relato *psicológico* portanto, cuja lógica, a da interioridade (sentimental mais do que psíquica) do indivíduo, está bem patente no objectivo anunciado de «[...] *die Phantasie oder das Herz zugleich mit dem Verstande zu beschäftigen*»,<sup>20</sup> não será completamente destituído de interesse entender aqui o termo «*Verstand*» num sentido, senão idêntico, pelo menos muito próximo daquele que Kant lhe emprestou,<sup>21</sup> filósofo a que a autora, aliás, algumas vezes se refere ao longo das 51 cartas que compõem os dois volumes do seu relato de viagem. Desta forma se confirmaria ainda que nos encontramos, nesta obra, em ambientes e domínios a priorísticos e, por conseguinte, exclusivos da esfera e realidade do sujeito, sendo este último o principal pólo de atracção de um discurso que envereda pelos caminhos do *parecer*, relegando os do *ser* para um plano secundário,

---

17. De seu nome completo Esther Bernard, geb. Gad e, depois do seu segundo casamento, Esther Domeier ou ainda Lucie Domeier (veja-se *Das Gelehrte Teutschland oder Lexicon der jetzt lebenden teutschen Schriftsteller*, Vol. XI, p. 67-68), a sua obra (*Briefe während meines Aufenthalts in England und Portugal an einen Freund*, Hamburg, bei August Lampe 1802), resulta de uma viagem de alguns meses que a autora fez a Portugal no início de 1801 na companhia do seu segundo marido, médico do príncipe August de Inglaterra (cf. Alfred OPITZ, «Durch die Wüste, Lichter tragend... Sozialgeschichte und literarischer Stil in den Reiseberichten über die Iberia um 1800» in: Wolfgang GRIEP/Hans-Wolf JÄGER (Hgg.), *op. cit.*, p. 210), composta por dois volumes, publicados ambos em Hamburg em 1802, existindo uma 2ª reimpressão de 1808.

18. Escolha a que não é alheia a *Empfindsamkeit* de Jean Paul Richter (a quem estas cartas são aliás, num primeiro momento, dirigidas) e Lawrence Sterne, os dois verdadeiros guias do percurso literário da autora (cf. Alfred OPITZ, *loc. cit.* in: *op. cit.*, pp. 206 e segs.).

19. Esther BERNARD, *op. cit.*, I, p. XI.

20. *Ibidem*, I, p. XII.

21. Vide Immanuel KANT, *Crítica da Razão Pura*, trad. Manuela P. dos Santos e Alexandre F. Morujão, Lisboa 1985, pp. 61 e segs.

como se constata no final do prefácio: «[...] *ich habe sie* [ingleses e portugueses] *getreu dargestellt, wie sie mir* erschienen, *aber ich weiss doch nicht, ob ich sie so schilderte wie sie sind*».<sup>22</sup>

Esta escrita não pretende então ser objectiva, isto é, adequada à realidade do objecto, mas sim subjectiva, por forma a reflectir as «percepções individuais»<sup>23</sup> que a visão do objecto desencadeia na interioridade do sujeito. Daqui resulta, em primeiro lugar, que apenas os *seus* olhos (os seus «olhos femininos»)<sup>24</sup> importem e, em segundo lugar, na (con)sequência desta intencionalidade, quer da escrita, quer da percepção, que o seu relato pretenda sobreviver às polémicas e controvérsias, co-existindo com os outros relatos (nem sempre muito pacificamente, acrescente-se), uma vez que se assume como fazendo parte dessa diversidade de pontos de vista que se dizem encontrar na «Verdade»:

*So viele Reisende auch schon über England und Portugal geschrieben haben, so viele können noch darüber schreiben, ohne das erschöpft zu haben, was sich davon sagen läßt. Die Ansichten der Dinge sind verschieden; nur Ein Gesichtspunkt kann der wahre seyn, und dieser Eine wird vielleicht am sichersten durch die mannigfaltigen, falschen Ansichten ausgefunden werden; denn fast immer gelangt der Mensch durch den Irrthum zur Wahrheit.*<sup>25</sup>

Ao contrário de Link, isto é, assumindo e partindo de pressupostos característicos da arte literária, Bernard acaba contudo, também, por sentir a necessidade de dizer que diz a «Verdade», posicionando-se igualmente afinal entre a *autenticidade histórica* que reclama para o seu relato e a estrutura *artística e literária* que escolheu para lhe dar forma.

A finalizar convirá então sublinhar que qualquer tipo ou forma de conhecimento do mundo (seja ele proveniente da *ciência* histórica ou da *arte* literária) longe de se fundar e ter como requisito essencial a objectividade, assenta isso sim na *intersubjectividade*,

---

22. Esther BERNARD, *op. cit.*, I, p. XIV (sublinhados nossos).

23. *Ibidem*, I, p. 6: «*Ich will durchaus mit eigenen Augen sehen, und will nur meine individuellen Wahrnehmungen niederschreiben*».

24. *Ibidem*, I, p. 365.

25. *Ibidem*, I, pp. XII-XIII.

ou seja, no consenso entre os sujeitos àcerca (da observação, descrição, classificação e interpretação) de um mesmo objecto.

A literatura de viagens, assim perspectivada — preterida pela História quando se põe em relevo o seu importante carácter *narrativo* (e portanto literário) e marginalizada pela Literatura sempre que se sublinha a sua fundamental componente *descritiva* (e portanto científica) —, espelha bem a problemática fragilidade do acto cognitivo. De facto, neste género de obras verificamos não estar a lidar directamente com a «realidade» portuguesa de inícios do séc. XIX, mas sim com uma outra «realidade», *discursiva, (re)criada e construída pelos sujeitos*, composta por *imagens* (subjectivas e, sublinhe-se, muito pouco consensuais) *de um (mesmo) objecto* que se diz ter sido observado.

Neste sentido, não podemos então deixar de concluir, num primeiro momento, que *a utilização destas imagens enquanto fontes historiográficas directas só pode ser considerada incorrecta ou até abusiva, sempre que nessa utilização não seja devidamente contemplada e ponderada a complexa e intrínseca subjectividade das mesmas*. Esta posição, no entanto, muito embora se nos afigure correcta em termos absolutos, peca na medida em que levada ao seu extremo acabaria por retirar a estes livros (desse modo inutilizando-os em grande parte) os seus múltiplos valores documentais e informativos, literários, estéticos e culturais que apesar de tudo eles têm. Dir-se-ia pois, que o que podemos eventualmente esperar ver, em termos de realidade do objecto, nestas imagens do Portugal de inícios do séc. XIX, depois de eliminadas as zonas subjectivas e idiossincráticas de maior e mais evidente actividade construtiva do sujeito, são, quando muito, *vestígios caricaturais e metafóricos* dessa realidade. No entanto, este é um aspecto de muito relativa importância e significado nestas obras, particularmente quando comparado com a outra vertente que as constitui e que lhes dá forma, vertente subjectiva e individual, é certo, mas que é simultaneamente testemunho dos interesses, motivações, preferências e gostos de uma época. Olhadas a partir desta perspectiva, o que estas obras seguramente revelam é a mentalidade (social, cultural, estética e literária) europeia da época podendo, agora sim, neste sentido, ser consideradas *importantes e mesmo imprescindíveis fontes historiográficas, não tanto*

*de uma qualquer História Nacional, mas sim de uma História das Ideias ou das Mentalidades que à Europa, e em particular à Alemanha, diga respeito.*

A literatura de viagens surge pois indubitavelmente como um espaço discursivo onde tudo (ou quase tudo) se joga em termos de verdade, ficção e verosimilhança, lugar onde, como bem a propósito diz o Eça de Queiroz prefaciador d'*A Relíquia*, «[...] a Realidade sempre vive, ora embaraçada e tropeçando nas pesadas roupagens da História, ora mais livre e saltando sob a caraça vistosa da Farsa!»<sup>26</sup>

---

26. Eça de QUEIROZ, *A Relíquia*, Lisboa s/d [1887], p. 9.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*Allgemeine Deutsche Biographie*. Berlin 1967-1971.

ARISTÓTELES, *Poética*. Tradução, Prefácio, Introdução, Comentário e Apêndices de Eudoro de Sousa, Lisboa 1986.

BERNARD, Esther, *Briefe während meines Aufenthalts in England und Portugal an einen Freund*, Hamburg, bei August Lampe <sup>1</sup>1802 (2 Vols.).

BERNARDINO, Teresa, *Sociedade e Atitudes Mentais em Portugal (1777-1810)*, Lisboa 1986.

BARGUET, A., «Introduction» in: HÉRODOTE, *L'Enquête*. Texte présenté, traduit et annoté par A. Barguet, Paris 1964.

BERCHTOLD, Leopold, «Observations generales et pratiques sur les voyages» in: Heinrich August Ottokar REICHARD, *Guide des Voyageurs en Europe*, Tome I, Weimar <sup>3</sup>1805.

BLOCH, Marc, *Introdução à História*, Lisboa s/d [<sup>1</sup>1941].

BRENNER, Peter J., *Der Reisebericht in der deutschen Literatur. Ein Forschungsüberblick als Vorstudie zu einer Gattungsgeschichte*, Tübingen 1990.

CARVALHO, Joaquim Barradas de, «Viagens, Literatura de» in: Joel SERRÃO (org.), *Dicionário de História de Portugal*, Porto s/d, Vol. VI (pp. 283-289).

CLARA, Fernando, *A Europa da Diferença*, Diss. Mst., Lisboa 1989.

*Das Gelehrte Teutschland oder Lexicon der jetzt lebenden teutschen Schriftsteller*, Vol. IV, Lemgo <sup>5</sup>1797.

GIL, Fernando, «A Inteligibilidade como Problema» in: \_\_\_\_\_ (org.), *Balanço do Século. Ciclo de Conferências promovido pelo Presidente da República*, Lisboa 1990 (pp. 9-22).

GRIEP, Wolfgang/JÄGER, Hans-Wolf (Hgg.), *Reise und Soziale Realität am Ende des 18. Jahrhunderts*, Heidelberg 1983.

JACOB, Ernst Gerhard, *Deutschland und Portugal. Ihre kulturellen Beziehungen, Rückschau und Ausblick. Eine Bibliographie*. Leiden 1961.

KANT, Immanuel, *Crítica da Razão Pura*, trad. Manuela P. dos Santos e Alexandre F. Morujão, Lisboa 1985.

KUTTER, Uli, «Apodemiken und Reisehandbücher. Bemerkungen und ein bibliographischer Versuch zu einer vernachlässigten Literaturgattung» in: *Das achtzehnte Jahrhundert. Mitteilung der deutschen Gesellschaft für die Erforschung des achtzehnten Jahrhunderts*, Jahrgang 4, H. 2, Wolfenbüttel 1980.

- LINK, Heinrich Friedrich, *Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien und vorzüglich Portugal*, Kiel, in der neuen Academischen Buchhandlung, in Comission Helmstädt und Braunschweig, bey C.G. Fleckeisen 1801-1804 (3 Vols.).
- MACHADO, Augusto Reis, «Catálogo Bibliographico das obras estrangeiras sobre Portugal existentes na Biblioteca Nacional» in: *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, Vol. I: N.ºs. 3-4; Vol. II: N.ºs. 5-6-7-8; Vol. III: N.ºs. 9-10-11, Lisboa 1920-1922.
- MADUREIRA, Nuno Luís, *Lisboa. Luxo e Distinção. 1750-1830*, Lisboa 1990.
- MARTINS, [Joaquim Pedro de] Oliveira, *História de Portugal*, Lisboa <sup>19</sup>1987 [<sup>1</sup>1879].
- MATTOSO, José, «Investigação histórica e interpretação literária de textos medievais» in: \_\_\_\_\_, *A Escrita da História Teoria e Métodos*, Lisboa 1988 (pp. 115-126).
- OPITZ, Alfred, «Durch die Wüste, Lichter tragend... Sozialgeschichte und literarischer Stil in den Reiseberichten über die Iberia um 1800» in: Wolfgang GRIEP/Hans-Wolf JÄGER (Hgg.), *Reise und Soziale Realität am Ende des 18. Jahrhunderts*, Heidelberg 1983.
- QUEIROZ, Eça de , *A Relíquia*, Lisboa s/d [<sup>1</sup>1887].
- REICHARD, Heinrich August Ottokar, *Handbuch für Reisende aus allen Ständen*, Leipzig 1784.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *Notícia de uma viagem a Portugal em 1765-1766*, Lisboa 1960.
- STEWART, William E., *Die Reisebeschreibung und ihre Theorie im Deutschland des 18. Jahrhunderts*, Bonn 1978.
- STRASEN, E.A./GÂNDARA, Alfredo, *Oito Séculos de História Luso-Alemã*, Berlim 1944.
- TRIGUEIROS, Luís Forjaz, «Viagens (Literatura de)» in: Jacinto do Prado COELHO (org.), *Dicionário de Literatura*, Vol. 4, Porto <sup>4</sup>1989 (pp. 1156-1160).